

DEZENOVE

- Prometi não chorar...

- Desculpa incomodar a senhora com essas perguntas chatas, mas é por um bom motivo: saber exatamente o que aconteceu.

- Sim, tudo bem, eu sei. Mas ainda assim... Eu ainda me emociono quando eu lembro que eu estava em casa, de manhã cedo... Acordo todos os dias bem cedo. Logo depois o telefone tocou. Cida, minha secretária particular, é quem atendeu. Era Tetê. Foi ela quem me deu a notícia.

Cida, secretária particular, de manhã cedo, anota o detetive na caderneta.

- Fiquei muito confusa. A notícia não fazia muito sentido para mim. Não naquela hora, não daquele jeito. Otávio não passava por uma fase ruim. Estava bem. Via ele pouco, mas me parecia, nas últimas oportunidades, que ele havia melhorado. Não entendo um ato desses. Não posso entender. É contra tudo aquilo que é normal. Como ele pôde desistir? A vida não é a maravilha que todos imaginamos, mas nós temos que viver com isso. O meu Otávio perdeu a esperança por completo. Isso me assusta. Fico me perguntando: o que é que eu poderia ter feito para impedir isso? Há alguma coisa que se pode fazer para evitar uma tragédia dessas?

Culpa.

- Está vendo esses livros? Eu ensinei Otávio a ler com eles. Ainda bem pequeno, ele vinha para cá e eu sacava a história de Pinóquio para lhe ensinar o bê-a-bá. Iria deixar todos esses livros para ele quando eu morresse. É assim o fluxo natural das coisas, não? Primeiro vamos nós, depois os filhos, por último os netos. Aqui em casa, sempre foi o contrário.

Ela toma um gole de chá. O céu lá fora está azul e o tempo quente. Xavier não se recosta no sofá, com medo de manchá-lo com o seu suor.

- Ele sempre foi um menino muito inteligente, gostava de ler bastante. Já rapazinho, vinha para cá, depois das aulas, estendia-se nesse sofá que você está sentado, catava um livro qualquer e passava a tarde lendo. Depois suas visitas foram diminuindo, diminuindo, até que não veio mais. Raramente o encontrava. Só em ocasiões familiares.

Aquela velhinha falando com voz de algodão aparentava agora mais fragilidade que no início da conversa. Mas, a voz trêmula e os olhos marejados não combinavam com a ideia que o detetive tinha dela. Imaginava uma senhora de pulso firme que não choraria nem se presenciasse o próprio enterro. Dona Dilma, porém, falava da perda do neto como algo que lhe machucou profundamente.

Ele lhe pergunta se ela dava algum dinheiro para Otávio e Tetê. Ela meneia a cabeça num misto de confirmação e negação.

- Às vezes – responde – Não era certo, não era sempre. Não imaginava que isso o humilhava. Pensei que estava ajudando um neto meu, filho de meu filho.

Enquanto ela fala, Xavier se levanta para observar os livros nas estantes. Algumas enciclopédias, obras completas de escritores clássicos, edições antigas. Comenta que alguns daqueles livros devem valer muito. Dona Dilma se ilumina e responde com a voz mais segura daquele diálogo:

- Não há dinheiro no mundo que possa comprá-los. Não sou daquelas fetichistas que consomem as primeiras edições só porque são as mais antigas ou porque têm a assinatura do autor. Gosto de ter todos os livros dos meus autores favoritos. Quero saber como ele, ou ela, pensava, quais foram suas ilusões, em que utopia ele acreditou. Minha intenção é conhecer o universo que ele criou.

- A senhora já leu o livro de Otávio?

- Não li, nem vou ler.